

Ely Bueno da Silva Bispo



Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(UEMS)

elybueno.ro@hotmail.com

Natália Hoefle



Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(UEMS)

nataliahoefle@gmail.com

Aline Nunes Menezes



Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(UEMS)

alymenezes@gmail.com

Lídia Batista de Môra



Hospital Universitário da Grande Dourados

lidiadora2008@hotmail.com

Cibele de Moura Sales



Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(UEMS)

cibele.sales1@gmail.com

Rogério Dias Renovato



Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(UEMS)

renovato@uol.com.br

TEATRO DO OPRIMIDO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO EM SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

RESUMO

Este artigo objetiva relatar a experiência da utilização do Teatro do Oprimido (TO) como estratégia pedagógica potente no campo do ensino em saúde. A prática educativa ocorreu com discentes do Mestrado Profissional Ensino em Saúde da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) em três momentos: encenações por meio do teatro-fórum; roda de conversa e avaliação. Os autores percorreram do planejamento à execução da atividade pedagógica, enquanto os discentes vivenciaram a teatralização e participaram ativamente das propostas. O TO revela-se como uma estratégia pedagógica potente na área da saúde, pois permite a reflexão, o pensamento crítico e proposições de alternativas para problemáticas, seja no ensino em saúde, no contexto do trabalho e em atividades de educação em saúde.

Palavras-chave: Mestrado profissional. Educação em saúde. Sala de aula.

THEATER OF THE OPPRESSED AS A PEDAGOGICAL STRATEGY FOR HEALTH TEACHING: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT: This article aims to report the experience of using the Theater of the Oppressed (TO) as a powerful pedagogical strategy in the field of health education. The educational practice took place with students of the Professional Master's Degree in Health Education at the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS) in three moments: staging through forum theater, conversation and evaluation circle. The authors went from planning to carrying out the pedagogical activity, while the students experienced theatricalization and actively participated in the proposals. TO reveals itself as a powerful pedagogical strategy in the health area, as it allows reflection, critical thinking and proposals for alternatives to problematics, whether in health education, in the context of work and in health education activities.

Keywords: Professional Master's degree. Health Education. Classroom

Submetido em: 06/04/2020

Aceito em: 26/09/2020

Publicado em: 26/06/2021



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2021v13n31p514-526>



1. INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios para o cuidado contextualizado em saúde integral começa pela formação dos agentes que atuam no sistema de saúde. O perfil profissional desses trabalhadores engloba, cada vez mais, predicados, de forma que tais indivíduos sejam capazes de atender às demandas e estejam aptos a cumprir seu papel de educadores dessa área num cenário dentro do seu contexto.

Desse modo, a formação dos profissionais de saúde deve ser pautada em conceitos ampliados de educação e de saúde, perpassando aspectos meramente técnicos e considerando as diversas vertentes das funções exigidas. Visa-se, assim, à oferta de um profissional com múltiplas competências e compromisso de cidadania.

Para propiciar formação adequada às necessidades sociais, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) instituídas em 2001 voltaram-se à orientação da graduação dos profissionais de saúde. A expectativa é a de formar sujeitos críticos, reflexivos e capazes de atender às demandas de saúde da população, de promoção de saúde e as do contexto de trabalho (BRASIL, 2001). Da mesma forma, na pós-graduação *stricto sensu*, os mestrados profissionais (MP) focam a perspectiva de reorientação da formação profissional, sob a ótica de integração ensino-serviço, aproximando academia e o cotidiano do trabalho.

Logo, à medida que as pesquisas desenvolvidas na pós-graduação levem em consideração o contexto e as necessidades do mundo do trabalho dos que estão inseridos em programa de MP, podem vir a fornecer subsídios científicos e metodológicos à prática profissional (VILELA; BATISTA, 2015).

Profissionais de saúde no âmbito de suas atividades, muitas vezes se deparam com a adversidade de realizar práticas pedagógicas, sentindo-se desqualificados e inseguros para desempenhá-las, seja pela escassez de disciplinas voltadas à docência em sua graduação, ou pelo fato de não ter vivenciado em profundidade as situações práticas do ofício. Fato é que muitos desses trabalhadores apresentam currículo insuficiente à execução da docência com qualidade (FUJITA; ROCHA; GIORDANI, 2018), tanto na área de formação de novos profissionais (instituições clássicas de ensino), quanto nas atividades educativas inerentes ao “fazer saúde”.

Nessa perspectiva, Vilela e Batista (2015) reforçam a importância dos Mestrados Profissionais em Ensino em Saúde (MPES) enquanto espaços de formação, sobretudo ao considerar a prática em saúde como elemento formativo e a possibilidade de desenvolver pesquisas acerca de problemas reais do cotidiano de trabalho. Além disso, o MPES busca suprir a insuficiência curricular pedagógica pré-existente habilitando profissionais/educadores qualificados para atuar no campo prático da formação em saúde.

Sob a mesma ótica, o Programa de Pós-Graduação Ensino em Saúde-Mestrado Profissional (PPGES) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), criado em 2012 e aprovado para funcionamento em 2013, prima por projetos de pesquisa voltados à interface do Ensino, da Educação e da Saúde. Isso se viabiliza por meio de investigações interventivas nos variados cenários de assistência em saúde, em condições reais de ensino (SILVA; CAMARGO; RENOVATO, 2019). Seu escopo proporciona a formação de aprendizagem por vivências, quando o mestrando tem a oportunidade de desenvolver competências de pesquisa aplicada ao seu contexto profissional.

Nesse sentido, o PPGES apresenta em sua matriz curricular a disciplina Educação em Saúde, a qual por meio de diferentes estratégias busca trazer teorias e perspectivas da área, permitindo ao mestrando experienciar na sala de aula as diferentes formas de fazer educação em saúde (SILVA; CAMARGO; RENOVATO, 2019).

A prática educativa aqui relatada originou-se na disciplina de Educação em Saúde justamente com o propósito de fazer com que os discentes vivenciassem o processo educativo em diversas fases, como planejamento, intencionalidades pedagógicas, implementação, avaliação e síntese. Todas essas etapas embasadas por referenciais teóricos do campo da Educação e do Ensino, colaborando, desta maneira, para a formação de um profissional capaz de, ao mesmo tempo, ser trabalhador, educador e pesquisador do ensino em saúde.

As atividades ocorreram em sala de aula com participação de uma das turmas de mestrandos da disciplina, no primeiro semestre de 2019, utilizando o método TO com encenações espontâneas, segundo a técnica proposta. A partir desta ação, os autores deste trabalho puderam explorar as potencialidades desse instrumento, lançando mão de algumas estratégias didáticas para sua execução.

Diante disso, este artigo tem por objetivo relatar a aplicação do TO como estratégia pedagógica potente no campo do ensino em saúde.

2. METODOLOGIA

Para que os mestrandos aprendessem e vivenciassem as diferentes teorias da Educação no âmbito do Ensino em Saúde e estratégias de ensino-aprendizagem, a turma do PPGES de 2019 foi dividida em quatro grupos, aos quais foi proposto apresentar e experienciar na sala de aula referenciais teóricos e metodológicos diferentes. Os autores deste relato ficaram incumbidos de mostrar o TO por meio de práticas educativas em saúde.

A turma era constituída por 17 alunos, todos profissionais da saúde - 16 enfermeiros/as e uma fisioterapeuta - com atuação profissional nos seguintes campos: assistência direta ao paciente; gestão em saúde e docência no ensino técnico e superior. Dessa forma, os envolvidos conviviam diariamente com as potencialidades e as dificuldades do ser profissional da saúde e de fazer saúde.

Para iniciar a proposta educativa, o grupo debruçou-se na obra “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire, seguindo o procedimento do TO. Trata-se de metodologia de cunho artístico e dramático criada por Augusto Boal e utilizada como ferramenta de luta social. O método busca a reflexão crítica da realidade, visando à libertação das situações de opressão (BARBOSA; FERREIRA; 2017).

Enquanto conjunto de técnicas para representação da realidade, o TO traz a proposta de envolver a plateia, até então apenas espectadora na ação teatral. Trabalha-se a perspectiva de que todos são capazes de fazer teatro, buscando provocar no indivíduo o desejo de transformar sua realidade através da *práxis* (BOAL, 2009; ALENCASTRO, 2018).

Explorando os referenciais da área, o planejamento da prática educativa ocorreu por meio de encontros tutoriais com os professores da disciplina, além de leituras de trabalhos já publicados sobre o referido tema.

A seleção da temática das encenações buscou manter as características originais do TO em sua criação ao representar situações de opressão e a busca por conscientização e reflexão nestas circunstâncias. Para isso considerou-se um assunto que fosse significativo para o grupo, surgindo os seguintes questionamentos: “O que causaria nesse grupo sentimentos de inquietações e/ou angústias?” “Quais as situações do dia a dia que os faz sentirem-se impotentes diante de algo possível de ser modificado?”

Dessa forma, optou-se por seguir o pensamento freiriano da escuta e do saber ouvir, partindo das percepções individuais do corpo discente e considerando suas experiências prévias. Foi então realizada uma dinâmica na qual os mestrandos descreveram em uma folha de papel situações vivenciadas em seus trabalhos que lhes provocava angústia e/ou impotência

A escolha do tema emergiu da análise das situações descritas. Observou-se nos relatos manuscritos dos discentes, duas situações prevalentes: “relação de opressão entre chefia e trabalhador” e “dificuldades no processo de trabalho, como sobrecarga”, respectivamente. Passou-se, a partir daí, à reflexão sobre tais situações opressivas nos diferentes contextos, procurando identificar como essas relações afetavam o cotidiano da vida do público e como poderiam ser retratadas pelo método de Boal. A prática educativa foi implementada a partir de uma peça teatral, utilizando o teatro-fórum.

Nesta técnica, o grupo de espectadores assiste a uma cena (previamente ensaiada), na qual se tem deflagrado um conflito. Em seguida, entra a figura do “Coringa”, personagem que não participa da cena, mas interage com a plateia de modo a conduzir reflexões sobre como os que assistem encaram a solução oferecida pelos atores. Os participantes visualizam nos atos problemas cotidianamente vividos, podendo analisar a situação e formular proposições, reinterpretando-as.

O Coringa convida um espectador a adentrar na cena, substituindo o personagem “oprimido” e desafiando-o a apresentar outra possibilidade de condução na situação-problema. Os demais atores interagem com esse novo indivíduo tornado “espect-ator” e improvisando os atos a partir daí (SILVA; SILVA; NASCIMENTO, 2014).

A prática educativa propriamente dita ocorreu em três momentos: a) encenações expondo dois cenários e duas situações envolvendo conflitos trabalhistas e relações entre oprimidos e opressores, nas quais os atos se repetiam conforme surgiam novas propostas, revezando os “espect-atores”; b) roda de conversa sobre as percepções e apontamentos do grupo quanto às cenas apresentadas, bem como o aprofundamento em torno do método e suas possibilidades de uso; e c) o terceiro e último momento com a finalização das atividades pelo grupo e avaliação do método utilizado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. Primeiro momento: encenações

A primeira cena passava-se em um ambiente hospitalar, com relação de dominância entre a chefia de enfermagem e o colaborador da classe.

Nesta cena, a funcionária estava em casa organizando os preparativos da festa de aniversário de sua filha, durante folga programada com antecedência, quando recebia uma ligação de sua chefe solicitando sua ida ao trabalho. Ao chegar ao local, a empregada constatava que o cancelamento era desnecessário e visava beneficiar outra colega, amiga da chefe. Diante disso, a trabalhadora precisava encontrar estratégias para lidar com a questão ou, pelo menos, refletir a respeito.

A segunda cena apresentou o atendimento médico em uma Unidade de Saúde da Família, sendo retratadas dificuldades no processo de trabalho com transferências de responsabilidades entre os profissionais de saúde com consequente sobrecarga.

Esta cena pontuava um atendimento médico ambulatorial incompleto numa Estratégia de Saúde da Família (ESF), no qual a médica interrompia a consulta a uma gestante e solicitava a presença da enfermeira que estava atendendo em outra sala. A médica repassava para a enfermeira o término da consulta com a gestante, fazendo-a preencher solicitações de exames, notificações e receitas com seu carimbo, pois estaria atrasada para atender em sua clínica particular.

As duas encenações expuseram conflitos entre membros de uma mesma classe, ocupantes de cargos hierárquicos diferentes, com o intuito de chamar a atenção dos espectadores e remeter a assuntos comuns à vivência destes.

Interrompendo ambas as encenações, entrava em cena o “Coringa” como mediador do processo de reflexão-ação. O personagem se dirigia à plateia questionando se estava de acordo com o posicionamento do oprimido e lançava a pergunta: “O que vocês fariam de diferente diante dessa situação?”. A partir desse momento, os discentes eram convidados a participar da cena e assumir o papel do oprimido, saindo do lugar de espectadores para o papel de “espect-atores”. O coringa esclarecia que no TO não existe “certo” ou “errado”. Desta forma, não se esperava um final específico para nenhuma cena, pois era proposta a livre participação e construção de novas perspectivas.

Participaram da cena como “espect-atores” docentes e discentes que, ao se colocarem no lugar do personagem oprimido, buscaram alternativas para enfrentar o conflito apresentado.

Da primeira cena emergiram situações de enfrentamento, tangenciamento do problema, bem como a curiosidade de representar o opressor e modificar o desfecho. Já na segunda cena, surgiram argumentações pautadas em legislações de órgãos normativos da profissão de enfermagem, assim como tentativas frustradas de conscientização do opressor, resultando em transferências das competências profissionais.

Houve um participante que fugiu à proposta inicial na primeira cena e optou por encenar o papel da “chefe opressora”, demonstrando preocupação em apresentar uma possibilidade menos conflitante e mais compreensiva com seu colaborador, uma vez que a discente se sensibilizou com o personagem por identificar-se com o cargo de gestão.

Soares, Silva e Silva (2011) também utilizaram técnicas de teatralização para levar temas de educação em saúde a diversas instituições e comunidades onde havia Unidade de Estratégia de Saúde da Família, em Minas Gerais. As autoras, estudantes do curso de enfermagem, apresentaram assuntos como prevenção de doenças infectoparasitárias, autocuidado e autoestima. Por meio do método de TO, aliado a técnicas lúdicas de fantoches, puderam interligar orientações de promoção de saúde ao saber popular, criando espaços de construção de conhecimentos e partilha.

Assim como este relato do PPGES, Soares, Silva e Silva (2011) buscaram retratar situações, linguagem e expressões as quais se assemelhavam às vivências de sua plateia, conferindo maior sensibilização e mobilização do grupo. Isso favoreceu a dinâmica da participação e potencializou a dimensão da aprendizagem.

Durante a realização da prática educativa, foi possível perceber que tanto o assunto, quanto o método (dramatização) foram capazes de afetar diretamente os espectadores, fato evidenciado por fisionomias de: indignação, surpresa, angústia e desejo de participação.

O conflito existente era visível e desconfortável para o grupo, convergindo com o estudo de Ramos *et al* (2017) sobre o sofrimento moral de enfermeiros em 27 unidades federativas, concluindo que na área da saúde as divergências ocorrem por diversas razões. Dentre estas, relações abusivas no ambiente de trabalho, falta de companheirismo da equipe, dificuldade na relação entre equipe médica e demais categorias e tratamentos desrespeitosos por parte das chefias.

Desta forma, observa-se que o método de teatralização utilizado para trazer o conteúdo programático da matriz curricular da disciplina, associado ao contexto de vida e trabalho dos participantes, estimulou a implicação na execução da atividade por fazê-los se sentirem parte do processo.

Para Ferraz e Belhot (2010), ao planejar uma atividade educativa, o educador precisa definir primeiramente os objetivos educacionais, ou seja, qual a intencionalidade para aprendizagem do grupo de educandos. A partir daí, surgem decisões acerca de estratégias, métodos adequados, instrumentos e mecanismos avaliativos.

Nessa atividade, os autores deste relato buscavam que o grupo pudesse não apenas conhecer a técnica do TO, como também suas vertentes. Esperavam, acima de tudo, que o grupo vivenciasse o processo, refletindo sobre situações-problemas e fosse capaz de criar novos desfechos a partir do estímulo de capacidade argumentativa. Nesse sentido, a figura do “espect-ator” ocupou, majoritariamente, o espaço de protagonista das cenas, embora os demais atores permanecessem como antagonistas desafiando o “espect-ator” a encontrar novas possibilidades.

De acordo com as intencionalidades educativas, foi possível delinear a construção das estratégias de ensino, utilizando entre outros instrumentos, o método de teatralização com participação não ensaiada do grupo de educandos. Dessa forma, os autores buscaram proporcionar aos mestrandos a oportunidade de conhecer e vivenciar novas metodologias de ensino durante a formação para docência, enriquecendo o arsenal de possibilidades de que o profissional poderá lançar mão em suas atividades educativas laborais.

3.2. Segundo momento: compartilhando em roda

Ao final das encenações os presentes sentaram-se em roda e puderam debater sobre emoções que emergiram no decorrer das apresentações. Observou-se, ao longo das discussões, que o envolvimento dos participantes extrapolou as cenas hipotéticas e trouxe à tona sentimentos de angústia e revolta a partir de suas vivências.

O grupo partilhou experiências acerca das situações de opressão vividas no trabalho, reforçando o quanto se sentia implicado com o assunto, a ponto de desejar intervir na cena. Esse fato reforça a importância de pensar em práticas educativas com metodologias bem delineadas e com intencionalidade pedagógica, de acordo com a

realidade do público alvo, até porque, mesmo não tendo aprofundamento teórico sobre a metodologia (dramatização), os participantes foram capazes de se envolver e intervir.

Em seguida, os autores da prática educativa realizaram um aprofundamento teórico sobre o TO, destacando as potencialidades e as implicações desse método como estratégia de prática educativa, capaz de propiciar reflexões e discussões em grupos e formar um ambiente de construção coletiva de saberes, ações e mudanças. Dessa forma, inúmeras possibilidades se desvelam no “fazer saúde” do cotidiano dos profissionais da área, incluindo a nova estratégia apresentada. Também nesse momento, a turma tomou conhecimento de como a atividade foi planejada e desenvolvida.

Observou-se que o TO se apresenta como forte estratégia de ensino quando a intenção educativa é a de fazer com que os participantes da atividade reflitam sobre alguma questão e, juntos, busquem soluções. O TO pode ser usado em diferentes contextos de acordo com o objetivo do educador, por exemplo: em empresas, para discutir assuntos como corrupção, assédio, conflitos de poder ou ineficiência de um serviço; em escolas, a fim de abordar questões como sexualidade, violência, uso de substâncias ilícitas, ética nos estudos; em serviços de saúde, como mecanismo para debater problemáticas assistenciais e de gestão; em atividades de educação em saúde visando pontuar assuntos como prevenção de agravos, problemas de saneamento, temáticas polêmicas como doação de sangue e órgãos, dentre outros.

Nesse sentido, Alencastro *et al.* (2018) numa pesquisa interventiva em escolas do Mato Grosso utilizaram estratégias de TO junto a grupos escolares visando à conscientização e redução de *bullying*. A pesquisa comprovou que o TO foi capaz de reduzir os índices de *bullying*, revelando-se aliado na promoção de uma cultura de não violência nas interações entre jovens, sendo passível de uso para novos assuntos envolvendo saúde na escola.

Todavia, ambientes não formais de ensino também comportam essa técnica que pode abordar diversos assuntos e requer poucos recursos. Depende basicamente do planejamento do educador e das escolhas feitas para esse fim, como o número de atores fixos, composição de cenário (caso haja) ou quem será o “coringa”. Neste tipo de atividade, a figura deste personagem é fundamental à condução e conclusão.

Silva, Silva e Nascimento (2014) utilizaram o teatro-fórum como ferramenta psicoeducativa com adolescentes em situação de vulnerabilidade, no cumprimento de medidas socioeducativas em uma instituição não formal. Desenvolveram encontros ao longo de dez meses, durante os quais foram realizadas, entre outras atividades,

encenações de TO buscando a reflexão sobre temáticas vinculadas à vulnerabilidade social, tais como: violência urbana e doméstica, relações parentais, drogadição, banalização do sexo, exploração do trabalho, desemprego etc.

Os autores citados utilizaram oficinas temáticas com incorporação de outros métodos, caso das técnicas de expressões corporais, roda de conversa e uso de músicas e vídeos. Concluíram que as atividades proporcionaram aos jovens a reconstrução e a ressignificação de seus processos subjetivos, fazendo-os refletir criticamente sobre a situação de vulnerabilidade e a forma como respondiam socialmente a isso. (SILVA; SILVA; NASCIMENTO, 2014).

Da mesma forma, a roda de conversa posterior às encenações deste relato foi o momento no qual os sujeitos puderam expor suas percepções. Deste modo, alguns métodos podem ser usados de forma complementar ao TO para potencializar ainda mais as discussões acerca do tema proposto pelo educador. A atividade educativa pode ser marcada por momentos de ação, seguidos de aprofundamento reflexivo de acordo com o planejamento didático.

3.3. Terceiro momento: avaliando os frutos de uma árvore

Augusto Boal criou a árvore do oprimido para sistematizar sua metodologia. Nesta árvore, as raízes referem-se à ética, filosofia, política e história do TO e, no tronco, inicia-se o processo dos jogos e o uso do lúdico para modificação e desenvolvimento pedagógico. Nos galhos e copas surgem as ramificações de diferentes técnicas teatrais, cada uma com sua peculiaridade (teatro invisível, teatro legislativo, teatro jornal, teatro-fórum e arco-íris do desejo). Por fim, o objetivo de toda árvore é dar flores, frutos e sementes, o que remete à multiplicação (PARO; SILVA, 2018). Assim como Boal, optou-se neste trabalho por apresentar a árvore aos discentes, adaptando e aplicando seu uso como método avaliativo da atividade educativa.

Desse modo, para finalizar as atividades, a figura da Árvore do TO foi fixada na parede para visualização dos participantes, então convidados a avaliar a atividade resumindo em uma palavra ou frase, em um papel em formato de fruto, o vivenciado no período e colando essa avaliação no cartaz. Foram propostas questões disparadoras: “O TO, por meio das cenas, foi capaz de promover o debate e a reflexão acerca dos problemas apresentados? O que te leva a pensar em reflexão?”

A participação na prática educativa, mais especificamente o teatro-fórum, foi avaliada pelos mestrandos de forma positiva pelas frases ou palavras lidas e justificadas durante a construção da árvore e dos frutos gerados, como se pode notar nas escritas destacadas:

“o teatro do oprimido traz a possibilidade de se colocar no lugar do outro, ser resiliente.”

“acredito que a mudança depende das pessoas que vivem o cotidiano;”

“empoderamento, empatia.”

Alguns mestrandos apenas fixaram as frases sobre os galhos da árvore como “frutos” gerados, enquanto outros sentiram-se à vontade para falar um pouco mais sobre a percepção tida da atividade. Durante a avaliação, as falas pontuaram ensinamentos de Paulo Freire e Augusto Boal:

“tocar emocionalmente /denúncia/ reflexão”;

“transformação da realidade através do diálogo”;

“possibilidade de reflexão...conscientização.”

A construção desse processo educativo exigiu dos autores aproximação com o referencial teórico e metodológico, percepção e reconhecimento do público-alvo para a posterior construção da prática educativa. Durante o desenvolvimento, percebemos a possibilidade de extrapolar a aplicabilidade dos referenciais teóricos e metodológicos trabalhados para outras áreas, como a do ensino em saúde, tornando, assim, os processos educativos na sala de aula ou em contextos de trabalho mais dialógicos e dinâmicos. Além disso, vislumbramos a chance de experienciar na sala de aula a descoberta de um método aplicável tanto para atividades de educação em saúde, quanto para abordagem de assuntos de processo de trabalho.

4. CONCLUSÃO

Em práticas educativas nas quais o educador pretende que o grupo reflita, interaja e proponha soluções para o problema apresentado, o TO pode ser uma boa opção de estratégia metodológica, desde que o educador tenha clareza acerca da intencionalidade

educativa, buscando métodos e técnicas capazes de promover a adesão e o desenvolvimento dos educandos.

Nesta atividade, a temática a ser abordada pelo TO tomou como base assuntos comuns às vivências dos espectadores. Notou-se nos três momentos de interação do grupo que os conflitos envolvendo hierarquias e categorias profissionais na área da saúde refletiram uma realidade, na qual a disputa por espaço e relações de opressão são assuntos conhecidos pela maioria dos participantes. No entanto, a perspectiva lúdica facilitou o envolvimento e o engajamento do grupo, reduzindo a dificuldade de alguns em expor opiniões acerca de assuntos conflituosos.

Durante as dramatizações pudemos perceber que o TO foi eficaz para estimular nos discentes o pensamento autocrítico, analisar a situação problema e ter capacidade argumentativa ao formular ideias e propor novos desfechos para o conflito. Assim sendo, o TO pode ser validado como método apropriado à potencialização do processo de aprendizagem.

O TO, enquanto estratégia pedagógica, mostrou-se uma alternativa para discutir não apenas assuntos referentes ao ensino, como também para abordar questões de educação e do processo de trabalho em saúde.

Adicionalmente, a disciplina propiciou aos mestrandos experimentar o teatro na prática e, ao ensiná-lo, puderam aprender com ele. Além disso, outros grupos da disciplina de Educação em Saúde se sentiram, após isso, tentados a utilizar a teatralização como método de apresentação de conteúdo.

Consideramos aqui a importância de espaços de formação que possibilitem aos educandos pensar, planejar, executar e experienciar as estratégias de ensino, a exemplo da proposta do PPGES. Justamente por permitir e estimular discentes e futuros docentes ou educadores a viverem diferentes possibilidades, explorando e descobrindo na prática pontos positivos e negativos das estratégias educativas. A disciplina de Educação em Saúde propôs que cada grupo planejasse sua estratégia e, de forma criativa, incluísse os demais discentes nas práticas educativas, redimensionando a capacidade do envolvimento e da aprendizagem.

A iniciativa oportunizou aos autores deste relato desenvolver dentro de um mestrado de Ensino em Saúde uma experiência didática com estudo teórico alicerçado ao planejamento, à implementação e avaliação do processo educativo, percorrendo todas essas fases até sua consolidação. Essa estratégia possibilitou novos olhares na condução de todo o processo de ensino. Espera-se que este relato sirva de estímulo para docentes

do ensino em saúde e profissionais da área na aplicação de estratégias pedagógicas semelhantes, bem como contribua para a construção de processos educativos, abarcando desde o planejamento destes até sua avaliação.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, L. C. da S. O Teatro do Oprimido como estratégia de intervenção na redução do bullying escolar. **Revista de Enfermagem Referência**. Série IV - n.º 19 – out./nov./dez., 2018. Disponível em

<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832018000400010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24jan. 2020.

BARBOSA, I.; FERREIRA, F. I. Teatro do Oprimido e projeto emancipatório: mutações, fragilidades e combates. **Revista Sociedade e Estado**. V.32, n,2, maio/agosto 2017.

Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922017000200439. Acesso em: 21 jan. 2020.

BOAL, A. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRASIL. Parecer nº 1.133 de 3 de outubro de 2001. **Dispõe as Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação de Enfermagem, Medicina e Nutrição**. Brasília: Ministério da Saúde/Educação, 2001.

FERRAZ, A. P. C. M.; BELHOT, R. V. **Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais**. Gest. Prod. São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010. Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-530X2010000200015&lng=en&nrm=iso>. Acessoem: 30 jan. 2020.

FUJITA, L. A.S; ROCHA, B. S. U; GIORDANI, A. T. A formação do enfermeiro docente e suas dificuldades no magistério.

BrazilianJournalofSurgeryandClinicalResearch.Vol.24,n.2,pp.94-97 (Set - Nov 2018). Disponível em: <http://www.mastereditora.com.br/bjscr>. Acesso em: 20 jan. 2020.

PARO, C. A.; SILVA, N, E., K. Teatro do oprimido e promoção da saúde: tecendo diálogos. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16 n. 2, p. 471-493, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-77462018000200471&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16Ago.2019.

SILVA, L. R.da; CAMARGO, P. T.; RENOVATO, R. D. Percursos da Pesquisa Qualitativa em Programa de Pós-Graduação em Ensino Em Saúde. **Rev. Ens. Educ. Cienc. Human.**, v. 10, n.1, p. 48-52, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333300421_Percursos_da_Pesquisa_Qualitativa_em_Programa_de_PosGraduacao_em_Ensino_Em_Saude/link/5ce5faa7458515712ebb8665/download. Acesso em: 11 jan. 2020.

SILVA, A. C. B. da; SILVA, M. C. C. B. da; NASCIMENTO, C. M. O adolescente ressignificando seu lugar na sociedade contemporânea: o teatro do oprimido como ferramenta psicoeducativa. **Revista Educação Artes e Inclusão**. v.09, n 1. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/4277> Acesso em: 28 jan. 2020.

SOARES, S. M.; SILVA L. B.; SILVA, P. A. B. O teatro em foco: estratégia lúdica para o trabalho educativo na saúde da família. **Esc. Anna Nery**. Dez, 2011.15(4): 818-824. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452011000400022&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452011000400022>>. Acesso em: 22 jan. 2020.

RAMOS, F. R. S., et al. Conflito ético como desencadeador de sofrimento moral: survey com enfermeiros brasileiros. **Rev.Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2017.

VILELA, R. Q. B.; BATISTA, N. A. Mestrado Profissional em Ensino na Saúde no Brasil: avanços e desafios a partir de políticas indutoras. **RBPG**, Brasília, v. 12, n. 28, p. 307 - 331, agosto de 2015.